

O PROCESSO DE TOMBAMENTO E A HISTÓRIA DA FÁBRICA DE CHAPÉUS VICENTE CURY DE CAMPINAS

GUSTAVO GAROTTI SCANDIUZZI¹ e SILVANA BARBOSA RUBINO²

¹HISTÓRIA/UNICAMP – BOLSISTA PIBIC – garotti.gu@ig.com.br

²DOCENTE IFCH/UNICAMP – Orientadora - silvanarubino@gmail.com

Palavras-Chave: TOMBAMENTO – HISTÓRIA URBANA DE CAMPINAS – PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

1 – Introdução

É nos anos de 1980 que remontam as primeiras ações relacionadas à preservação dos bens culturais de Campinas (SP) no âmbito municipal: é criado o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC) em dezembro de 1987, com a função de definir a política municipal de defesa e proteção do patrimônio histórico, artístico, estético, arquitetônico, arqueológico, documental e ambiental do município de Campinas e ainda coordenar, integrar e executar as atividades públicas referentes a essa política. Desde então, constam na lista hoje mais de 100 bens tombados pelo CONDEPACC e, dentre eles, cinco são de locais que abrigaram fábricas. A preservação desse patrimônio industrial é relevante para vários campos do conhecimento, especialmente para as diversas vertentes da história, como a social, a do trabalho, a da economia, a da técnica, a da engenharia, a da arte e a da arquitetura. Um desses bens industriais tombados é a Fábrica de Chapéus Vicente Cury, construída em 1920 e localizada no bairro do Guanabara. Os estudos de tombamento se iniciam em Fevereiro de 1994 e duram até Setembro de 2008, configurando mais de 14 anos de documentação sobre seu processo de tombamento, tema central da iniciação científica.

2- Metodologia

Ao longo da pesquisa busquei analisar esses documentos, que compreendem: cartas, relatórios, comunicados, editais, autos, publicações no Diário Oficial do Município e atas de reuniões do CONDEPACC. Ao mesmo tempo fiz leituras relacionadas à História Urbana de Campinas, História Industrial e Patrimônio Histórico, buscando livros, textos e teses nos acervos das bibliotecas da UNICAMP. Fiz visitas à Fábrica de Chapéus Vicente Cury para conhecer o local, documentar por fotos seu interior assim como as partes que por fim foram tombadas: a fachada e a chaminé. Em pesquisa na internet, com matérias e fontes jornalísticas tanto materiais quanto digitais, encontrei sites com entrevistas recentes com a parte da família Cury mais ligada à gestão da Fábrica: o filho do fundador, Sérgio Cury Zákia, e o sobrinho deste, Paulo Cury Zakia, atual diretor comercial da empresa Cury. Visitei e pesquisei também os arquivos do Centro de Memória da Unicamp (CMU), na busca de documentos relativos à fábrica que colaborassem com o entendimento de sua história.

3 - Resultados

A justificativa dada ao tombamento da Fábrica de Chapéus Vicente Cury pelos conselheiros do CONDEPACC era legar à Campinas um monumento que assinalasse para o presente e para o futuro a grandiosidade e importância histórica que a cidade teve com relação ao seu passado industrial e fabril. Ela foi tombada devido: ao seu caráter histórico, colocado como indiscutível, uma vez que a Fábrica integrou o processo de industrialização da cidade, além de estar ligada a um movimento maior, de expansão cafeeira, que se configurou por todo o Estado de São Paulo. Ela também foi vista como importante devido ao seu idealizador, Miguel Vicente Cury, que foi prefeito de Campinas por duas vezes, tendo direta conexão com a história política da cidade. O Conselho apontou também que a Fábrica é um dos primeiros edifícios a ocupar o atual Bairro do Guanabara, participando do início de seu povoamento, e de possuir características arquitetônicas significativas e de época, marcadamente da década de 40. Falam também da importância de se preservar os documentos e arquivos da Fábrica, de seu antigo maquinário fabril e de sua própria técnica de fabricação dos chapéus.



4 – Discussão

Nenhuma medida mais concreta e efetiva é tomada quanto a seu antigo maquinário fabril e de sua própria técnica de fabricação dos chapéus, mesmo sendo os testemunhos materiais das atividades produtivas, os testemunhos imateriais e os respectivos documentos relacionados à Fábrica, merecedores da mesma atenção prestada ao seu edifício e estrutura física. Além disso, mesmo sendo a Fábrica considerada importante em sua história, arquitetura e memória, e ter influenciado não somente a cidade e a região de Campinas, mas todo um país, possuindo uma elevada carga simbólica e que, por isso, na justificativa do CONDEPACC, ela deveria ser preservada e transmitida às futuras gerações, apenas foi decidido por se tomar sua fachada e chaminé. O prédio como um todo não foi preservado devido a Fábrica, no ano de seu tombamento (2008) estar operante e em funcionamento. Isso deixaria seu interior livre para que os proprietários fizessem as reformas necessárias ao processo produtivo moderno de fabricação dos chapéus. Nos últimos anos o antigo espaço produtivo da Fábrica, que é representativo de um grande setor no tecido urbano consolidado da cidade de Campinas, possuindo uma localização em área central e em um terreno de alto valor imobiliário, sofre o ataque do mercado imobiliário que é impulsionado pela necessidade de liberação de áreas para novas incorporações. Isso resultou que atualmente a Fábrica de Chapéus Vicente Cury se encontre em fase de desativação, sendo que sua venda já foi confirmada pelos atuais proprietários, assim como a quase certa demolição do interior do imóvel: já que esta parte da Fábrica não está tombada, ela dará lugar a um prédio comercial.

4 – Conclusão

Uma reavaliação do tombamento da Fábrica quanto as partes que devem estar protegidas é não apenas necessária sob o ponto de vista dessa mudança (de ativa, para inativa) que se operou desde a época de seu tombamento até hoje, mas amplamente justificável pela importância atribuída à Fábrica tanto pelos conselheiros do CONDEPACC, quanto pela análise e discussão realizados nessa pesquisa de iniciação científica. A Fábrica de Chapéus Vicente Cury de Campinas representa uma oportunidade de conhecermos as marcas da industrialização passada, sendo um patrimônio ligado à história do trabalho e ao desenvolvimento urbano e tecnológico dentro do espaço das cidades. Ela possui mais de 80 anos de história, que ainda pode e deve ser amplamente pesquisada, estudada e conhecida a fundo, já que ela perpassa pelas três fases do desenvolvimento da atividade industrial no Brasil. A Fábrica produziu e vendeu um objeto de vestuário, o chapéu, largamente utilizado antes e depois da data da sua inauguração, sendo ela um testemunho da importância social, econômica e histórica do uso do chapéu. Seu destaque na cidade de Campinas se dá pela sua singularidade, sendo um edifício de grandes dimensões, que ocupa 5,3 mil metros quadrado de um dos principais bairros de Campinas, com uma chaminé e uma arquitetura que a caracterizam e a identificam, além da Fábrica ter passado por constantes ressignificações entre os diversos autores que com ela estabeleceram contato. Ela também é referência histórica para o papel que tiveram os imigrantes europeus no Brasil, entre finais do século XIX e começo do XX, em especial os Libaneses, dentro de um processo de industrialização financiado não somente pelos fazendeiros ligados ao café, mas pelos imigrantes que investiam em pequenas empresas que muitas vezes cresciam, não obstante o alto custo dos produtos e a dependência que tinham da importação das máquinas e matéria-prima necessárias.

